

A PÁTRIA AZUL (MAVI VATAN): A Estratégia Naval da Turquia nos Mares Circundantes (2020-2023)*

VITOR DECCACHE **CHIOZZO****
Capitão de Corveta

ANDRE LUIZ VARELLA NEVES***
Professor

SUMÁRIO

Introdução
Geopolítica Moderna da Turquia: uma breve história
Conceito de Pátria Azul: uma definição
O Mediterrâneo Oriental e o Mar Egeu: o contexto
geoestratégico
Turquia: estratégia e o Poder Naval
Conclusão

* Artigo originalmente publicado em língua inglesa na *Revista da Escola de Guerra Naval*, v. 30, n. 2, em novembro de 2024.

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança da Universidade Federal Fluminense (PPGEST/UFF). Mestre em Estudos Marítimos (Escola de Guerra Naval) e bacharel em Relações Internacionais (Unilasalle-RJ). Colaborador do Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha (Cepe-MB). Chefe de Operações do Navio de Apoio Oceanográfico *Ary Rongel*.

*** Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto do Curso de Relações Internacionais e do Curso de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança (PPGEST/UFF). Coordenador do Laboratório de Estudos da Grande Estratégia dos EUA, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Atualmente, ocupa o cargo de subchefe do Departamento de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais (DEI).

INTRODUÇÃO

A posição geográfica da Turquia, desde os Bálcãs até o Cáucaso e do Mediterrâneo Oriental até o Oriente Médio, e o controle dos Estreitos de Bósforo e Dardanelos têm conferido a aquele país uma grande importância geoestratégica¹ na História, como sucessora do Império Turco Otomano^{2 3}, bem como nas principais teorias geopolíticas⁴ (KAPLAN, 2013, p. 290). Nesse sentido, a Turquia e seu entorno estratégico se apresentam como um destacado objeto de estudo de caso para a aplicação dos Estudos Estratégicos⁵.

Assim, por meio do conceito geopolítico de Pátria Azul (em turco, Mavi Vatan),

desenvolvido pela Força Naval Turca (Türk Deniz Kuvvetleri) e sintetizado como a visão de mundo⁶ (Weltanschauung), a Turquia se orienta para dominação dos seus três mares circundantes, quais sejam o Negro⁷, o Mediterrâneo Oriental e o Egeu (DENIZEAU, 2021, p. 6; THE INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES, 2022, p. 321).

O artigo tem como propósito descrever e analisar a práxis do conceito Pátria Azul como guia de ação da Estratégia Naval turca no Mar Mediterrâneo, Mar Egeu e Mar Negro. Terá por questão de fundo a rivalidade geoestratégica entre a Turquia e a Grécia, especialmente nos temas de soberania e exploração de recursos ener-

1 Conforme assevera Quataert (2015, p. 42), a geografia desempenhou um papel relevante na ascensão dos otomanos.

2 De acordo com Marshall (2022, pp. 190-191), a partir do século IX, tribos nômades turcas deixaram a Estepe Oriental (Mongólia), atravessaram a Cordilheira de Altai e a Estepe Ocidental (Cazaquistão), viraram bruscamente à esquerda, pela Ásia Central, e chegaram ao Mar Cáspio a tempo de encontrar o Império Bizantino. A essa altura, já tinham entrado em contato com o Islã na região em torno da Pérsia e abandonado suas crenças pagãs. Apareceram na periferia oriental do Império no século XI e começaram a fazer incursões na Anatólia [...]. Um dos muitos emirados estabelecidos no noroeste da Anatólia, no fim do século XIII, foi o de um homem chamado Osman Ghazi – Osman, o Guerreiro. Ele ampliou seus poderes invadindo territórios bizantinos ao longo da costa do Mar Negro e avançando em direção à Anatólia central. Em honra do fundador, as pessoas começaram a chamar a si mesmas de Osmanli, “seguidores de Osman”, o que, na Europa Ocidental, resultou em otomanos (CAGAPTAY, 2020, p. 9).

3 Os otomanos surgiram em um entrecruzamento de impérios. Eles não constituíram um poder oriental em conflito com o Ocidente, mas uma formação política que mesclava estratégias adaptadas de impérios anteriores e de seus oponentes na conexão dos continentes europeu, asiático e africano. Em termos geográficos, tinham uma grande vantagem ou duas. [...] As terras e águas do Mediterrâneo Oriental, com suas ligações com o Egito, a Ásia Central e a Índia, ofereciam uma grande variedade de experiências políticas, práticas sociais e fontes de riqueza. Com essas ferramentas, criaram um imenso império terrestre e marítimo, que era tanto territorial, uma grande extensão de terra, como nodal, baseado em portos, centros de comércio e rotas comerciais de pequena e longa distância (BURBANK e COOPER, 2019, p. 173). Também Kaplan segue na mesma linha argumentativa: “a fluidez desse arranjo entre a Europa e o Oriente Médio seria facilitada pela localização da capital otomana de Constantinopla, um porto seguro que assegurava o acesso aos Bálcãs, ao Mediterrâneo e ao Norte da África, sendo ao mesmo tempo o ponto final das rotas de caravanas vindas da Pérsia, do Cáucaso e além” (KAPLAN, 2013, pp. 295).

4 A definição de geopolítica deste artigo será “o estudo das constantes e das variáveis do espaço, acessível ao homem que, ao objetivar-se na construção de modelos de dinâmica de poder, projeta o conhecimento geográfico no desenvolvimento e na atividade da ciência política” (CORREIA, 2018, p. 98). Ao passo que a geoestratégia é definida pelo “estudo das constantes e variáveis do espaço, acessível ao homem que, ao objetivar-se na construção de modelos de avaliação e emprego, ou ameaça de emprego de formas de coação, projeta o conhecimento geográfico na atividade estratégica” (CORREIA, 2018, p. 104). Semelhantes, conceitualmente, distinguem-se pela vocação mais reflexiva da geopolítica, enquanto a geoestratégia apresenta-se como mais instrumental.

5 Entre as várias definições existentes nos Estudos Estratégicos (BAYLIS; WIRTZ; GRAY, 2019), neste artigo empregar-se-á a seguinte definição de Estratégia: “a arte de distribuir e aplicar os meios militares para cumprir os fins da política” (HART, 1991, p. 321, tradução nossa).

6 Segundo Stelgias (2021, p. 112), a diplomacia turca adotou oficialmente a doutrina da Pátria Azul.

7 Dado o escopo deste artigo acadêmico, centrado no Mediterrâneo Oriental e no Mar Egeu, e à luz da rivalidade geoestratégica entre a Turquia e a Grécia, o Mar Negro e seu entorno estratégico não serão objetos de análise.

géticos, nesse espaço marítimo, entre os anos de 2020 e 2023.

Isto posto, na primeira seção haverá uma breve exposição da história geopolítica moderna turca, a partir da sua fundação, por meio do Tratado de Lausanne (1923). Em seguida, será apresentado o conceito de Pátria Azul, de acordo com o seu criador, o almirante turco Cem Gürdeniz⁸. A terceira seção tratará da aplicação do conceito à realidade geoestratégica turca. Por fim, na última seção, serão descritos os incrementos materiais ao poder naval turco, indícios de uma nova Estratégia Naval turca autônoma nessa área marítima, alicerçada, fundamentalmente, nessa nova visão de mundo geopolítica da Pátria Azul.

GEOPOLÍTICA MODERNA DA TURQUIA: UMA BREVE HISTÓRIA

Depois da Guerra de Independência (1919-1922), encerrou-se, com o Tratado de Lausanne (1923), o conflito iniciado na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) entre o extinto e derrotado Império Oto-

mano⁹ e os vitoriosos Aliados europeus, declarando-se a República da Turquia, restrita à Península da Anatólia (também conhecida como Ásia Menor), como sucessora do dissolvido Império Otomano. Ainda que do lado vencido ao fim do conflito mundial, a Turquia permaneceu vitoriosa geopoliticamente, pois

A Turquia, como remanescente do grande Império Otomano, apenas iria reter, nos Balcãs, uma pequena parcela a sudeste da Trácia, mas que tem um enorme valor geoestratégico, pois permite o controle absoluto dos estreitos de Dardanelos e Bósforo, que asseguram a ligação entre o Mediterrâneo e o Mar Negro e garantem o Mar de Mármara como mar turco. (CORREIA, 2018, p. 560)

A República, fundada e liderada por Mustafa Kemal Atatürk¹⁰, até sua morte, em 1938, representou, pela primeira vez na história turca, um processo de construção de um Estado nacional aos moldes ocidentais¹¹. Isto constituiria um

8 Cem Gürdeniz (24 de março de 1958), formou-se na Academia Naval da Turquia em 1979. Como oficial de Convés, serviu em diferentes contratorpedeiros e fragatas. Foi comandante da fragata de mísseis guiados TCG *Gaziantep* e da Terceira Divisão de Contratorpedeiros. Completou sua formação no Colégio de Guerra Naval Turco e no Colégio das Forças Armadas. Mestre pela United States Naval Postgraduate School (NPS) e pela Université Libre Brussels (ULB) em gestão de pessoal e política internacional, respectivamente. Promovido ao posto de contra-almirante em 2004, atuou como chefe do Departamento de Estratégia e Acordos e depois como chefe da Divisão de Planos e Políticas do Quartel General das forças navais turcas. Ainda como almirante, serviu como comandante do Grupo de Navios Anfíbios e da Frota de Minas. Foi para a reserva em 2012. Ele é fundador e diretor do Istanbul Koc University Maritime Forum. Além da língua turca, é fluente em inglês e francês. O Almirante Gürdeniz é autor de inúmeras publicações em vários idiomas, incluindo *Bluehomeland Writings*. Ele é colunista do *Aydınlık Daily* e da *Yacht Magazine*. Disponível em: <https://uwidata.com/experts/cem-gurdeniz/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

9 Sobre o processo de longo declínio à extinção do Império Otomano. Cf. Palmer (2013).

10 Para uma biografia sobre o fundador da Turquia moderna, ver o livro do acadêmico britânico nascido em Istambul Andrew Mango *Atatürk: The biography of the founder of modern Turkey*, Abrams, 2002.

11 Conforme Kaplan (2013, p. 295), “Atatürk, o pai dos turcos, o único general otomano invicto, que forjou um Estado moderno na Anatólia, após as perdas imperiais nos Balcãs e no Oriente Médio, foi um autêntico revolucionário, no sentido de que transformou o sistema de valores de seu povo. Intui que as potências europeias haviam derrotado o Império Otomano não em virtude dos exércitos maiores, mas por conta de sua maior civilização que, esta sim, havia engendrado a superioridade militar. A Turquia, dali por diante, seria ocidental, decidiu ele, dirigindo-se, em termos culturais e políticos, para a Europa. [...] Transferiu a capital de Istambul [Constantinopla], na Turquia europeia, para Ancara, no coração da Anatólia, devido à associação da primeira com o *ancien régime*. E não fez o menor esforço para reconquistar as províncias otomanas perdidas nos Balcãs ou no Oriente Médio. Em vez disso, adotou a estratégia de construir um estado uniétnico turco a partir do núcleo da Anatólia, que teria uma base sólida para orientar-se com firmeza para a Europa e o Ocidente”.

grande desafio à sociedade turca, devido à rejeição da herança cultural otomana, associada ao declínio, por parte do projeto nacional de Atatürk e à disputa pela memória, ou à amnésia nacional forçada, em relação ao passado turco (YAVUZ, 2020, pp.48-50; ZÜRCHER, 2017, pp. 133-177, *passim*).

Assim, o kemalismo¹², a doutrina secularista pró-ocidente de Kemal Atatürk, moldou o pensamento geopolítico da jovem República, em seus quatro espaços geográficos fronteiriços, a saber: os Bálcãs, o Cáucaso, o Mediterrâneo Oriental e o Oriente Médio. Este aspecto ocorreu mediante a cooperação com os Estados balcânicos da Bulgária e da Romênia e a mediterrânea Grécia, no oeste (Entente Balcânica, 1934). Também obteve apoio com a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), no Cáucaso, a nordeste (Tratado Turco-Soviético de Amizade e Neutralidade, 1925); e com o Irã a leste (Pacto de Saadabad, 1937).

A geopolítica turca estava inserida no paradigma de não intervenção em assuntos internos de seus países vizinhos, sob o lema de “Paz em casa, paz no mundo” (CAGAPTAY, 2020, p. 19). A ideia da não intervenção proporcionou um cinturão geoestratégico estável, capaz de preservar e orientar a

Turquia durante o conflito subsequente da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e em linhas gerais, até o fim da primeira década após a Guerra Fria (GÜRDENİZ, 2020, p. 82; KAPLAN, 2013, p. 295).

Sobre o período da Guerra Fria, em que o mundo estava ideologicamente dividido em áreas de influência, entre o bloco ocidental, liderado pelos Estados Unidos da América (EUA), e o oriental, pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a Turquia optou pelo alinhamento ao bloco ocidental, devido à sua principal ameaça de segurança internacional, a URSS. Fazendo o papel de Estado-tampão e sendo um instrumento ativo da estratégia de contenção dos EUA aos soviéticos (GADDIS, 2006, p. 28), beneficiou-se diretamente de sua importância geopolítica, ingressando

A geopolítica turca estava inserida na não intervenção em assuntos internos de países vizinhos, sob o lema de “Paz em casa, paz no mundo”

na aliança militar de segurança coletiva do Ocidente, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), três anos após sua fundação, em 1952, juntamente ao seu rival geoestratégico, a Grécia¹³. Quanto ao papel de suas Forças Armadas no contexto da Guerra Fria e da Otan, “a Marinha da Turquia foi incumbida de manter os soviéticos ‘engarrafados’ no Mar Negro, enquanto o Exército continha suas forças terrestres na orla do bloco soviético” (MARSHALL, 2022, p. 198).

12 Eram seis os princípios ideológicos: o republicanismo, o secularismo, o nacionalismo, o populismo, o estatismo e o revolucionismo (ou reformismo). Esses seis princípios foram incorporados à Constituição turca em 1937, sendo por vezes descritos como a “religião turca” [de Estado] (ZÜRCHER, 2017, p. 183).

13 A rivalidade estratégica pode ser traçada historicamente até o século XIX, remontando à Guerra de Independência dos gregos contra o Império Otomano, de 1821 a 1830. A independência da Grécia do Império Otomano foi estabelecida pelo Tratado de Londres, em 1830 (QUATAERT, 2015, p. 81). Para uma descrição da rebelião grega contra o Império Otomano, ver Palmer (2013, pp. 82-100, *passim*).

Ao fim da Guerra Fria (1989-1991) e com o advento da hegemonia incontestada dos EUA, a Turquia procurou se reposicionar geoestratégica e geopoliticamente, de acordo com a nova ordem mundial constituída (KISSINGER, 2015, p. 216). Uma nova abordagem geopolítica autóctone turca era necessária, especialmente após a ascensão de Recep Tayyip Erdoğan¹⁴ como primeiro-ministro, em 2003, e posteriormente presidente da República, a partir de 2014, pois

com efeito, por anos, a Turquia acalentou a esperança de ingressar na União Europeia [...] Todavia, na primeira década do século XXI, ficou claro que a Turquia talvez nunca se torne um membro efetivo da União Europeia, por uma razão obtusa e recendente a determinismo geográfico e cultural: mesmo sendo uma democracia e membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), o país é também muçulmano, o que o torna indesejado. A rejeição foi um choque para o corpo político

turco, mas, sobretudo, veio fundir-se a outras tendências já em andamento na sociedade, no sentido de efetuar uma fundamental correção na história e geografia turcas [...]. (KAPLAN, 2013, pp. 295-296, *passim*)

Assim, após a década de 2010, e particularmente a partir de 2016 (CAGAPTAY, 2020, p. 199), para responder aos novos desafios dessa nova ordem mundial, a Turquia vem buscando uma nova Grande Estratégia^{15 16} voltada para o seu interesse nacional, na área geográfica em análise e, para o recorte deste artigo, especialmente relacionada às questões energéticas e econômicas de exploração de petróleo e gás no Mediterrâneo Oriental (ÖZERTEM, 2016; CAGAPTAY, 2020, p. 210), ou mesmo para o estabelecimento de uma “nova ordem” regional (MOUDOUROS, 2021, p. 466) e de sua autonomia estratégica.

Destarte, em virtude de cada vez mais assertivas política externa e estratégia militar regionais, em busca da supremacia

14 Conforme Cagaptay (2020, p. 18, tradução nossa), lembrando a memória do poderoso Império Otomano na Turquia, Erdoğan quer reviver a grandeza do país e, para isso, não tem medo de abandonar a política tradicional turca de trazer o país para o sistema de segurança liderado pelo Ocidente. Sob Erdoğan, a Turquia já não define o seu interesse nacional em conjunto com as potências do Ocidente. O interesse nacional turco no pensamento de Erdoğan reflete um alto grau de autonomia estratégica.

15 A aproximação do conceito de Grande Estratégia para este artigo envolve alguma **vontade** e capacidade de pensar sobre o **futuro em termos de objetivos** de uma **entidade política** [...]. Acima de tudo, a Grande Estratégia exige um **entrelaçamento das realidades políticas, sociais e econômicas com o poderio militar**, bem como o **reconhecimento de que a política deve, em quase todos os casos, impulsionar a necessidade militar** (MURRAY, 2011, p. 5, grifo nosso, tradução nossa).

16 O mais destacado acadêmico formulador da Grande Estratégia para a Turquia foi o Professor Doutor Ahmet Davutoğlu, diretor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Beykent, em Istambul, de 1995 a 2004. Davutoğlu foi ministro das Relações Exteriores (2009-2014) e primeiro-ministro da Turquia (2014-2016). Seu livro *Profundidade Estratégica* (2001) “é visto como a estrutura arquitetônica sobre a qual se ergue a política externa da ‘Nova Turquia’” (MARSHALL, 2022, p. 201). Esta possui um viés neo-otomano, a crença no destino da Turquia de emergir como uma potência global, valendo-se da posição geográfica privilegiada turca entre a Europa, a África e a Ásia, e centrando suas ações, sobretudo, na cooperação estratégica. Seus princípios-guia são o de “problemas zero” com os países vizinhos, o equilíbrio entre segurança e liberdade e o de uma política externa pró-regional e multidimensional, por meio de uma diplomacia proativa (DAVUTOĞLU, 2013). Em linhas gerais, há alguns elementos de continuidade na atual política externa turca, ainda que se perceba, atualmente [2023], uma ênfase maior na *realpolitik*, no pragmatismo e na rivalidade estratégica, em contraponto ao poder brando (*soft-power*), o discurso, a prática e o estilo diplomático até então adotados (DAVUTOĞLU, 2010).

no Mediterrâneo, é percebida a influência, sobretudo, de uma doutrina nacionalista denominada de Geopolítica Turca (Türk Jeopolitiği) (STELGIAS, 2020, p. 2).

A Geopolítica Turca¹⁷ tem sido promovida por membros do governo, diplomatas e militares das Forças Armadas turcas, valendo-se, em sua construção retórica por esses atores, de um apelo ao passado imperial otomano, sendo um exemplo explícito da remilitarização da política externa turca, isto é, o fenômeno em que as forças armadas participam dos mecanismos de tomada de decisão nas relações exteriores do país (STELGIAS, 2021, pp. 112-113, *passim*).

O Almirante Cem Gürdeniz se coloca como um dos principais formuladores da Geopolítica Turca, em sua vertente Oceanopolítica^{18 19}. É nesse contexto que a doutrina geopolítica da Pátria Azul é criada.

CONCEITO DE PÁTRIA AZUL: UMA DEFINIÇÃO

A expressão Pátria Azul, em turco Mavi Vatan, tem sido cada vez mais

utilizada, disseminada e popularizada na vida política e nos círculos estratégicos turcos para referir-se à área de 462 mil quilômetros quadrados onde se localizam os interesses marítimos da Turquia, isto é, aqueles relacionados às águas jurisdicionais (Mar Territorial, Zona Econômica Exclusiva e Plataforma Continental) e aos recursos vivos e não vivos no espaço oceanopolítico do Mar Negro, Mar Mediterrâneo e Mar Egeu.

Para Mianji (2020), seriam três os propósitos da doutrina geopolítica da Pátria Azul: a delimitação das águas jurisdicionais da Turquia, o estabelecimento da Estratégia da Turquia nesses espaços marítimos e o desen-

volvimento de um complexo militar-industrial para a consecução dessa estratégia contra o cerco hostil da Turquia por países vizinhos, notadamente a Grécia, baseada na percepção neo-otomana²⁰ que defende o Mediterrâneo Oriental como um *locus* de presença imperial, um “lago turco”.

A nova postura estratégica turca é resultante da reorganização da política

A expressão Pátria Azul se refere à área de 462 mil quilômetros quadrados onde se localizam os interesses marítimos da Turquia

17 Para uma síntese da Geopolítica Turca atual, ver Stelgias (2020).

18 Oceanopolítica pode ser definida como a Geopolítica volta para o domínio das grandes massas de água e dos oceanos (CASTRO, 1983, p. 126).

19 Há a necessidade de se ter uma consciência marítima cultural ou institucional na sociedade para que uma doutrina oceanopolítica se desenvolva. Na falta dela, denominada de “cegueira marítima”, há a subestimação da importância do domínio marítimo, ou mesmo do reconhecimento de sua importância, mesmo que apenas em teoria, desafio enfrentado pelos formuladores e estrategistas navais dos países. Ver. Till (2022, p. 75).

20 A visão de mundo neo-otomana de Erdoğan enxerga as raízes da identidade nacional turca não na relativamente recente República, estabelecida há um século, mas nas dinastias de turcos nômades, as turcomanas otomanas do século XI e posteriores. “Como resultado da expansão moderna da educação, urbanização e meios de comunicação de massa competitivos, Erdoğan foi capaz de reconstruir com sucesso uma contranarrativa de identidade e valores otomano-islâmico-turcos em oposição àqueles que o estado kemalista havia procurado consagrar” (YAVUZ, 2020, p.145, tradução nossa). Para uma análise completa e profunda do neo-otomanismo de Erdoğan, ver Yavuz (2020, pp. 144-178, *passim*).



Figura 1 – Pátria Azul (Mavi Vatan)
Fonte: DenizEAU (2021)

regional turca, dos efeitos da política internacional e do ambiente econômico, mas, sobretudo, da arquitetura ideológica de crença em hostilidade e isolamento regionais por países circunvizinhos, pelas suas elites, ameaçando a sobrevivência do Estado turco. A manifestação da construção ideológica de uma região hostil é implacavelmente refletida na doutrina geopolítica da Pátria Azul (MOUDOUROS, 2021, p. 470).

Para o autor do conceito²¹, o Almirante Cem Gürdeniz, que o utiliza pela primeira vez em um simpósio sobre o Mar Negro e Segurança Naval, em 14 de junho de 2006, o século XXI será o século da Ásia e o século dos oceanos, e o Mar Mediterrâneo será a porta aberta do século da Ásia e do mar para a Turquia (GÜRDENİZ, 2020, p. 85).

Assim, prossegue o autor, em sua definição de Pátria Azul (Figura 1), em tradução livre:

A superfície desta Pátria, a massa de água, o fundo e a massa de terra abaixo [do fundo marinho] pertencem à República da Turquia. O tamanho da Pátria Azul é igual à metade da terra [território continental da Turquia]. Cada Estado que tem a costa para o mar tem uma pátria azul. A ação mais fundamental dos reflexos geopolíticos é refletir a tendência para o mar e para a apropriação da Pátria Azul.²²

Essa tendência da transcendência do território continental turco para o mar, embutida na lógica da construção geopolítica do conceito, é bem esclarecida por Nikos Moudouros, a partir da origem etimológica das palavras “pátria” e “azul”, pois

[...] A “Pátria Azul” também se concentra na identificação da importância da conexão entre a terra e o mar. Neste ponto seria importante decifrar

21 Geoffrey Till afirma que o desenvolvimento do poder marítimo [que contém sua componente militar, o poder naval] não só leva tempo, como também exige uma visão de futuro (TILL, 2022, p. 78, grifo nosso, tradução nossa).

22 Do original em inglês: “[...] The surface of this homeland, the mass of water, the bottom and the land mass beneath belong to Republic of Turkey. The size of blue homeland is equal to half of land of Turkey. Every state that has got to coast to the sea has a blue homeland. The most fundamental action of geopolitical reflexes is reflecting tendency to the sea and ownership of the blue homeland” (GÜRDENİZ, 2020, p. 85).

o significado das palavras escolhidas para nomear a doutrina. “Azul” refere-se explicitamente ao mar. O uso da palavra “pátria” (*vatan*), no entanto, tem orientações ideológicas distintas. *Vatan* é uma palavra de origem árabe que significa local de nascimento de uma pessoa. No entanto, a politização do conceito na história contemporânea transformou a [palavra] pátria na descrição de uma específica região nacional, geografia nacional e identidade nacional. É, portanto, um conceito encarregado da missão de transformar “fronteiras imaginárias” em fronteiras contemporâneas nacionais e políticas (ÖZKAN, 2012, pp. 1-3). Portanto, a “Pátria Azul” [...] também constituiu uma tentativa de promover o processo de “territorialização” do mar e defender o Mediterrâneo Oriental como parte integral do território e da soberania estatal da Turquia. Por meio dessa doutrina, Ancara percebe a segurança, a defesa e a prosperidade do país como elementos entrelaçados com os mares que o cercam e não apenas com o território continental. (MOUDOUROS, 2021, p. 465, tradução nossa)

Desta forma, o conceito geopolítico de Pátria Azul – enquanto visão de futuro –, ao promover o mar próximo da Turquia a uma extensão da soberania do país, e, portanto, intimamente relacionado à sobrevivência do Estado, tem sido capaz de sensibilizar, catalisar, mobilizar e envolver a sociedade turca para o contexto geoestratégico no Mediterrâneo Oriental e no Mar Egeu.

O MEDITERRÂNEO ORIENTAL E O MAR EGEU: O CONTEXTO GEOESTRATÉGICO

A questão de fundo no Mediterrâneo Oriental e no Mar Egeu para a Estratégia Naval turca é a intensificação da rivalidade geoestratégica secular entre a Turquia e a Grécia, a partir de 2020, nos temas de: exploração de recursos energéticos no mar, as reservas de hidrocarbonetos²³ (ÖZERTEM, 2016), nas proximidades das Ilhas de Creta e Rodas; e soberania nesse espaço marítimo, que coincidem e se relacionam com o surgimento das doutrinas da Geopolítica Turca e sua vertente Oceanopolítica, a da Pátria Azul.

Quanto à exploração energética, a questão extrapola e também envolve o Chipre (CAGAPTAY, 2020, pp. 210-213, passim), como ponto de discórdia entre Turquia e Grécia.

Dominado pelo Império Otomano desde 1571, e pela Grã-Bretanha desde 1878, o Chipre obteve sua independência em 1960, tendo a Grã-Bretanha, a Turquia e a Grécia como Estados garantidores de sua soberania. Território de elevada importância geoestratégica, devido à sua posição geográfica no Mediterrâneo Oriental (por sua proximidade ao Oriente Médio e ao Canal de Suez, com suas linhas de comunicação marítimas), no pós-independência, foi assolado por uma guerra civil entre a maioria cipriota grega e a minoria cipriota turca, cujas divisões étnicas tinham sido aprofundadas pela política imperial britânica de *divide et impera*.

O conflito foi agravado pela clivagem da Guerra Fria, com a tentativa de união

23 Relatórios sobre energia, publicados a partir de 2010, estimam as reservas da Bacia do Levante, no Mediterrâneo Oriental, em 122 trilhões de metros cúbicos de gás natural e 1,7 trilhões de barris de petróleo. De acordo com estimativas turcas, a possível confirmação dessas reservas seria capaz de suprir a demanda energética da Turquia pelos próximos 500 anos, ou mesmo de toda a Europa, pelos próximos 30 anos (MOUDOUROS, 2021, p. 464).

entre Grécia e Chipre²⁴ em 1974, com apoio velado dos EUA, após o flerte do governo cipriota com a URSS, esta guiada e motivada pela Doutrina Brejnev (GADDIS, 2006, p. 143), que almejava influência no Oriente Médio e um porto de águas quentes para sua Marinha, no Mediterrâneo.

Nesse contexto, ocorreu uma invasão turca ao território cipriota em 1974, e, em 1983, o norte da minoria cipriota turca declarou-se a República Turca de Chipre do Norte, reconhecida apenas por ela própria e pela Turquia (CAGAPTAY, 2020, p. 212; MARSHALL, 2022, p. 179).

Retomando-se a questão energética, a Turquia questiona se o Chipre possui o direito de explorar as reservas de gás natural ao redor de suas águas e, notadamente, nas proximidades da República Turca de Chipre do Norte, negando-se a reconhecer as licenças de exploração concedidas pelo Chipre para empresas internacionais de energia²⁵(CAGAPTAY, 2020, p. 214). Segundo Marshall (2022, p. 180):

A Turquia, apreensiva por suas águas ainda não terem rendido energia, explora em território cipriota e grego e assinou um acordo com a Líbia para fazer perfurações [...]. No verão de 2019, navios-sonda turcos apareceram ao largo da costa setentrional [de Chipre], escoltados por um navio de guerra [turco]. Ancara disse que eles se

achavam em águas soberanas da República de Chipre do Norte e “dentro da plataforma continental da Turquia”. [...] Em junho de 2020, a Turquia anunciou sua intenção de começar a perfurar ao largo de ilhas, incluindo Rodes e Creta. O embaixador turco em Atenas foi convocado ao Ministério de Relações Exteriores e informado de que a Grécia estava “pronta para responder” ao que considerava uma provocação, se a perfuração fosse adiante. A posição da Turquia baseia-se num acordo espantoso que o país firmou com a Líbia no fim de 2019. O acordo “criou” uma zona econômica exclusiva que se estende por um corredor através do Mediterrâneo da costa sudoeste da Turquia e vai até a extremidade setentrional da Líbia, apesar de passar por parte da zona grega.

Sobre o tema da soberania, o contencioso está ao redor do controle sobre as ilhas do Mediterrâneo Oriental e do Egeu. Além da disputa pela soberania sobre algumas das ilhas, Turquia e Grécia também possuem divergências fundamentais quanto à demarcação de suas fronteiras marítimas.

Isto se deve pelo motivo principal de a Turquia não ter aderido (e por isso nem a ter ratificado) à “Constituição do Mar”, ou seja, a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (Convenção de Montego Bay, 1982). Esta decisão ocorreu porque o governo da Turquia estava

24 Este fato, no pensamento geopolítico turco, “reforça o temor turco de um ressurgimento da *Megali Idea* – a Grande Ideia – uma forma de irredentismo grego que surgiu no século XIX e que levou Atenas a reivindicar os territórios otomanos com um substrato helenófono” (DENIZEAU, 2021, p. 11). O conceito geopolítico de *Megali Idea* associa-se ao de *Enosis*, a união de todos os gregos, dentro das fronteiras de um único Estado (da palavra grega *enosis*, união), sob o lema “Mais uma vez, por anos e anos, será nosso novamente”. Seus proponentes mais radicais vislumbraram um ressurgimento do Império Bizantino no Mar Negro e na Anatólia Central, possuindo Constantinopla (hoje Istambul) como capital, às expensas do então decadente Império Otomano e, depois, da Turquia (MARSHALL, 2022, p. 168).

25 Dentre as empresas, citam-se: a italiana ENI, a sul-coreana Kogas, a francesa Total, as norte-americanas Exxon Mobil e American Noble Energy, a catari Qatar Petroleum, a israelense Delek Group e a anglo-holandesa Royal Dutch Shell (CYPRUS PROFILE, 2023).

defendendo a tese de que uma demarcação justa das fronteiras marítimas²⁶ no Mar Mediterrâneo exige dar mais peso ao longo litoral do que às ilhas gregas espalhadas (LINDENSTRAUSS e DANIEL, 2020), e que os limites estabelecidos na Convenção aos espaços marítimos sobre jurisdição não fazem sentido em um espaço confinado, repleto de ilhas. Em tais condições, argumentam as autoridades turcas, um país como a Grécia teria uma enorme área marítima, em parte devido à sua soberania sobre as ilhas do Mediterrâneo, especialmente perto da costa turca (DENIZEAU, 2021, p. 8).

Além disso, para se obter uma compreensão mais abrangente do impacto geoestratégico da doutrina da Pátria

Azul, tanto em seu impacto atual quanto potencial, aumentando a profundidade geral da análise, é importante perceber as ações da Turquia por meio das lentes de um escrutínio mais amplo.

Os movimentos empreendidos pela Turquia indicam que a doutrina da Pátria Azul pode ser percebida como um ele-

mento central da Grande Estratégia Turca. Esta doutrina se estende além de meras políticas marítimas e reflete uma ambição mais ampla de influência regional.

A doutrina da Pátria Azul parece apoiar a busca da Turquia por uma nova ordem regional sob sua liderança, não apenas em seus mares circundantes, mas também em todo o Levante, que abrange a região ao longo das costas orientais do Mediterrâneo. Dentro da estrutura da

**A doutrina da Pátria Azul
apoiar a busca da Turquia
por uma nova ordem
regional sob sua liderança,
não apenas em seus mares
circundantes, mas também
nas costas orientais do
Mediterrâneo**

Grande Estratégia, a doutrina da Pátria Azul, enquanto Grande Estratégia, fornece “um conjunto proposital e coerente de ideias sobre o que uma nação busca realizar no mundo e como deve fazê-lo” (BRANDS, 2014, p. 3, tradução nossa). Essa aborda-

gem geoestratégica destaca a intenção da Turquia de se afirmar como uma potência regional dominante.

As implicações da Estratégia da Turquia são significativas, particularmente, no contexto da competição com outros países pela primazia na região. No atual cenário geopolítico, as aspirações da

26 Segundo Denizeau (2021, p. 10), em tradução nossa: “[...] o território reivindicado pela doutrina naval turca [da Pátria Azul] foi claramente definido [...]. A Pátria Azul [Mavi Vatan] assim reivindicada é ‘o nome da zona de interesse [turco] e de jurisdição sobre as águas doces e o mar entre os meridianos 25°E e 45°E e os paralelos 33°N e 43° N’. No Mar Negro, esta zona corresponde à Zona Econômica Exclusiva (ZEE) já controlada pela Turquia, seguindo os princípios de equidistância com outros estados ribeirinhos. Em contrapartida, invade amplamente as ZEE reivindicadas pelo Chipre e pela Grécia. Mavi Vatan estender-se-ia assim até a metade oriental do Mar Egeu, sem anexar as ilhas gregas aí existentes, mas deixando-as apenas com mar territorial definido pela sua largura atual (de 6 milhas náuticas). No Mediterrâneo, Mavi Vatan faria fronteira com as ZEE da Líbia e do Egito, sendo a demarcação feita segundo o princípio da equidistância entre as costas. Finalmente, uma parte das águas entre Chipre, Síria e Líbano também é reivindicada pela República Turca do Chipre do Norte. A Turquia e seu aliado cipriota do norte teriam, assim, um domínio naval de mais de 462.000 km². De acordo com a doutrina da Pátria Azul, estas reivindicações devem servir de base para qualquer eventual negociação com outros Estados do Mediterrâneo Oriental, em particular com Chipre e Grécia”.

Turquia podem, potencialmente, entrar em conflito com as de potências regionais como Irã, Israel e Egito, bem como com atores extrarregionais como Itália, França e, possivelmente, a Rússia. Os resultados desses movimentos estratégicos moldarão o equilíbrio de poder no Mediterrâneo Oriental e além desse espaço marítimo.

Portanto, a doutrina da Pátria Azul tem proporcionado a estrutura teórica para justificar as pretensões geopolíticas da Turquia no Mediterrâneo Oriental e no Mar Egeu, sendo um importante conceito que tem amalgamado a visão de mundo da sociedade turca²⁷ para “um espaço historicamente negligenciado” (DENIZEAU, 2021, pp. 10-16, *passim*) na geopolítica turca, os mares²⁸. Mas qual é o impacto que esse conceito possui na Estratégia Naval turca? É sobre esta questão que a próxima seção tratará.

TURQUIA: ESTRATÉGIA E O PODER NAVAL

Pela perspectiva dos Estudos Estratégicos, a doutrina da Pátria Azul, isoladamente, é um instrumento de retórica. Somente se torna um instrumento do pensamento estratégico para a defesa do território marítimo turco e dos interesses econômicos do país na região se incor-

pora à sua lógica política o poder militar. Desta feita, sai do campo discursivo e reflexivo da Geopolítica para se adentrar na lógica estratégica de emprego de força militar por meio das unidades navais para o atingimento de seus fins políticos, transfigurando-se para uma geoestratégia (LUTTWAK, 2001). Observamos que esse processo de incorporação da lógica estratégica à discursiva está acontecendo, nos últimos anos, no Estado turco, em relação ao conceito geopolítico, pelos “esforços de desenvolvimento de capacidades [materiais] [que permanecem no epicentro da [doutrina] Pátria Azul” (KASAPOGLU, 2020, p. 4).

Evidentemente, em se tratando de um espaço marítimo, a lógica estratégica pressupõe e requer uma Força Naval turca moderna, atuante e adestrada em combate²⁹, com uma autonomia estratégica, provida por programas autóctones de desenvolvimento de sistemas de armas³⁰, pela construção de unidades navais pela indústria naval turca³¹ e a “busca pela autonomia de sua base industrial de defesa” (THE INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES, 2022, p. 155). Todo este esforço tem como propósito o emprego de uma Estratégia Naval da Turquia no Mediterrâneo Oriental e no Mar Egeu, pois “o emprego da força agora [na forma de se lutar a guerra mo-

27 DenizEAU (2021, p. 25) afirma que há um consenso da sociedade turca em torno da doutrina da Pátria Azul.

28 “Até mesmo o periódico oficial do Instituto Naval Turco (Milli Savunma Üniversitesi Deniz Harp Enstitüsü), que sucedeu a antiga Academia Naval, é chamado de *Mavi Vatan* – a Pátria Azul. Em muitas edições da revista, os jovens oficiais navais da Turquia escrevem extensivamente sobre questões como a importância da Líbia para o delineamento marítimo do Mediterrâneo, as disputas energéticas e o papel da ‘diplomacia das canhoneiras’ e a disputa sobre o Chipre” (KASAPOGLU, 2020, p. 3, tradução nossa).

29 “A Força Naval Turca é um serviço militar altamente disciplinado e bem treinado, com alta capacidade de prontidão para o combate” (KASAPOGLU, 2020, p. 2).

30 Como o míssil antinavio de longo alcance *Atmaca* (KASAPOGLU, 2020, p.5), palavra turca para falcão, produzido pela empresa turca de defesa *Roketsan*.

31 Essa fundamental relação entre as Marinhas e a indústria naval é destacada por Till (2022, p. 36, tradução nossa): “O desenvolvimento de uma relação produtiva e de apoio mútuo entre as Marinhas e aquilo a que agora se chamaria a base industrial marítima e o esforço nacional global eram [são] especialmente importantes, porque só assim se obteriam [obtém] os meios para a sustentação e a manutenção da Esquadra”.

terna^{32]} exigia uma preparação cuidadosa e orientação teórica” (FREEDMAN, 2013, p. XII, tradução nossa).

Nesse sentido, observa-se, a partir de 2020, que Erdoğan tem sido hábil em instrumentalizar tanto a orientação teórica, o conceito geopolítico de Pátria Azul, quanto uma preparação cuidadosa dos meios, o fortalecimento e a renovação do Poder Naval da Turquia³³, no contexto de promoção da indústria de defesa³⁴ turca (THE INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES, 2022, p. 155), com o propósito de emprego, ou ameaça de emprego, da força naval para a defesa de seus interesses nacionais, quando necessário, em apoio a sua política externa³⁵, no Mediterrâneo Oriental e no Mar Egeu contra seus rivais geoestratégicos e geopolíticos³⁶.

Assim, a utilização, pelo presidente da República turca, do conceito de Pátria Azul “parece obedecer a dois conjuntos de considerações imediatas: internamente, sua aproximação com os militares e movimentos nacionalistas; e, externamente, o contexto regional das tensões no Mediterrâneo Oriental” (DENIZEAU, 2021, p. 19, tradução nossa).

O resultado deste desenvolvimento permitiu que a Força Naval da Turquia adquirisse robustez, alcançando em menos de uma década uma transformação estrutural importante. Desta feita, a Esquadra turca saiu de uma posição acanhada, limitando-se ao papel de apenas exercer a dissuasão costeira, para uma Marinha com capacidade de projeção de poder em águas azuis (KASAPOGLU, 2020, p. 2).

Para exemplificarmos, apresentamos a seguir os principais projetos que repre-

32 A forma moderna de se lutar a guerra, em termos de armas e métodos, da palavra em inglês *warfare*, é “desenvolvida em termos de uma série de temas amplos que foram cada vez mais característicos da sociedade como um todo, como o crescimento do poder do Estado por meio de processos de centralização, burocratização e, até certo ponto, democratização. Foi influenciada pelo surgimento de ideologias poderosas, como o nacionalismo. Outros desenvolvimentos importantes foram o rápido progresso tecnológico e a industrialização impulsionada pelo método científico, um rápido aumento associado das populações nacionais e uma crescente insistência de que o cidadão tinha o dever de defender o Estado” (SHEEHAN, 2019, p. 37, tradução nossa).

33 Na cerimônia de lançamento da Corveta F-513 *TCG Burgazad*, em agosto de 2016, o Presidente Erdoğan já afirmava: “A Turquia está avançando com determinação no caminho para se tornar um país autossuficiente na indústria de defesa. Há apenas um mês e meio, demos o primeiro passo de um projeto de importância histórica para as Forças Navais turcas, em 30 de abril, fazendo a primeira solda de nosso Navio de Assalto Anfíbio Multipropósito *Anadolu*. Nosso país passará para uma liga completamente diferente assim que a construção deste navio for concluída, sendo este o primeiro navio que as aeronaves de decolagem e pouso vertical também poderão usar. [...] Devemos nos atualizar para um nível mais alto na indústria de defesa e nos tornar um país que lidera, produz e é pioneiro, em vez de seguir e consumir. Como um país que pretende eliminar a dependência externa na indústria de defesa até 2023, devemos acelerar nossos passos. Vejo a Corveta *Burgazada* como um símbolo de nossa determinação na questão” (DEFENSE TURKEY, 2016, tradução nossa).

34 “É certamente possível argumentar, de forma convincente, que a ‘maritimidade’ da cultura de um país pode certamente ser encorajada diretamente pelo apoio governamental às indústrias marítimas [...]” (TILL, 2022, p. 28, tradução nossa).

35 A geografia da Turquia, coberta por montanhas, de fato, é uma vantagem defensiva e segura contra os ataques terrestres. Contudo faz dela “uma nação insular” (KAPLAN, 2013, p. 291), com a perene sensação geopolítica de cerco. É sua fronteira marítima que se estende pelos três mares (Negro, Mediterrâneo Oriental e Mar Egeu) a sua fronteira fraca. Por outro lado, é aquela que constitui uma oportunidade para as suas necessidades de recursos energéticos, de expansão econômica e de uma política externa que deseja “estabelecer a Turquia como um estado central em sua região” (MOUDOUROS, 2021, p. 464) e que sua defesa não esteja restrita à geografia da Anatólia.

36 “Comparado aos seus competidores geopolíticos no Mediterrâneo, a Força Naval turca beneficia-se de uma clara superioridade numérica” (KASAPOGLU, 2020, p. 2).

sentam o incremento material, no contexto de fortalecimento do Poder Naval turco³⁷, compreendido por Erdoğan.

Programa Milgem

O primeiro projeto naval nacional turco a ser apresentado é o Programa Milgem, cujo nome deriva da abreviatura da palavra turca *Mili Gemi*, que significa navio nacional.

Na esfera do Milgem, foram construídas e comissionadas, entre 2011 e 2019, quatro modernas corvetas antissubmarino da classe ADA³⁸ (*TCG Burgazada*, *TCG Büyükkada*, *TCG Heybeliada* e *TCG Kınalıada*), que, associadas às 16 fragatas já existentes (das classes *Yavuz*, *Gabya* e *Barbaros*), constituem o núcleo do poder combatente de superfície turco.

Fragatas da Classe I

A partir do quinto navio, começaram a ser construídas as fragatas da Classe I (*Istanbul*), como uma variação das corvetas da classe ADA, e que possuem cerca de 50% de incremento da capacidade de combustível e de autonomia operacional de navegação, em relação a esta classe. As fragatas da classe I possuirão a configuração de sistemas de

armas capazes de realizar a detecção, a determinação da posição, a classificação, a identificação e a destruição do alvo, bem como apoio de fogo naval. São projetadas para realizar operações de vigilância e patrulha marítimas, inspeção e vigilância de Zona Econômica Exclusiva, além de prevenir ameaças potenciais (OZBERK, 2021).

Fragatas Classe TCG

A Fragata *TCG Istanbul* (F-515), primeiro navio de sua classe, foi construída no Estaleiro Naval Istanbul, da Força Naval turca, e iniciou seus testes de mar em 20 de junho de 2023. Foi incorporada à Esquadra turca em 19 de janeiro de 2024.

Seguir-se-ão a esta unidade três outras fragatas da classe, quais sejam: a *TCG Izmir* (F-516), a ser construída no Estaleiro Anadolu (ADIK), a *TCG İçel* (F-517), no Estaleiro Sedef, e a *TCG Izmit* (F-518), no Estaleiro Sefine. A previsão de incorporação das unidades navais é de 36 meses (2027) (OZBERK, 2023), quando substituirão as classes *Yavuz*, enquanto as fragatas da classe *Barbaros*³⁹ passarão por uma modernização de meia-idade e serão equipadas com modernos sensores de fabricação turca (OZBERK, 2021).

37 Para uma análise do futuro da Força Naval turca, além das unidades destacadas neste artigo, ver Ozberk (2021). Sobre o emprego crescente de veículos aéreos não tripulados (*drones*) pela Força Naval Turca, ver Kasapoglu (2020).

38 ADA, em turco, designa as Ilhas Príncipe, no Mar de Mármara, localizadas a sudeste de Istanbul.

39 O estrategista, aponta Freedman (2013, p. 238, tradução nossa), “é um estudante do presente que deve estar ciente do passado [...]”. Por conseguinte, o conhecimento da História, para a construção da Estratégia, é fundamental. Possuindo como segunda fonte de sua visão de mundo a História, sendo a primeira o Islã, entendido não como religião, mas sim como um “conjunto armado de ideias” para ser usado contra seus oponentes (YAVUZ, 2020, pp. 146-147), Erdoğan tem sido perspicaz em relacionar o presente turco ao passado otomano, como será visto a seguir: “A tentativa de construir uma memória coletiva que justificasse a presença da Turquia no Mediterrâneo Oriental estendeu-se à defesa do dia 27 de setembro, o dia da vitória naval otomana em Preveza, como um novo dia nacional. Em 27 de setembro de 1538, a frota otomana, sob a liderança de Barbaros Hayrettin Paşa, conseguiu derrotar a frota da aliança cristã (reunida pelo Papa Paulo III) sob as ordens de Andrea Doria, e assim conseguiu estender o domínio do Império Otomano no Mediterrâneo. De acordo com o pensamento político islâmico na Turquia, a Batalha Naval de Preveza é considerada o ponto de inflexão da bem-sucedida transformação do Império Otomano de um ‘estado terrestre’ para um ‘império dos mares’. Não é por acaso que tanto os dois navios de perfuração turcos (*Yavuz* e *Fatih*) quanto os dois navios de pesquisa sísmica (*Barbaros Hayrettin Paşa* e *Oruç Reis*), usados no Mediterrâneo Oriental, levam os nomes de sultões e almirantes otomanos, uma referência direta a esse contexto neo-otomano. Os navios-patrulha da Marinha turca na região receberam o codinome de ‘Escudo do Mediterrâneo’, referindo-se explicitamente à defesa da soberania turca contra desafios e ameaças externas” (MOUDOUROS, 2021, pp. 467-468, tradução nossa).

Navio de Assalto Anfíbio Multipropósito *Anadolu*

O maior exemplo do fortalecimento do Poder Naval turco, entretanto, é o Navio de Assalto Anfíbio Multipropósito *Anadolu*, construído no estaleiro turco Sedef, que foi incorporado à Força Naval turca em abril de 2023. A unidade é capaz de transportar 12 aeronaves de combate, tripuladas ou não tripuladas, 21 tipos diferentes de helicópteros e veículos aéreos não tripulados, dependendo da operação, bem como 13 tanques, 27 veículos de assalto anfíbio, seis veículos blindados, 33 veículos leves e pesados diversos e 15 reboques em seu convés, além de poder embarcar uma força anfíbia do nível batalhão, sendo um símbolo da disposição turca em se fazer cada vez mais presente e de projetar seu poder na Pátria Azul e nos oceanos (DEFENCE TURKEY, 2023), representando um grande salto operacional⁴⁰ na capacidade de combate da Força Naval turca.

Ainda sobre a projeção de poder, mas sobre terra, a capacidade anfíbia se destaca em contexto geoestratégico turco em relação à Grécia e ao Chipre. Conforme ressalta Kasapoglu (2020, p. 5, tradução nossa):

As potentes unidades anfíbias da Turquia também merecem atenção. Os planejadores militares turcos começaram a estabelecer sua capacidade anfíbia na década de 1960, no nível de batalhão, em meio à situação crescente na Ilha de Chipre. Antes da intervenção militar de 1974, Ancara havia criado um regimento de infantaria anfíbia que participou da campanha. Atualmente, a Marinha turca possui uma unidade anfíbia de nível de brigada, juntamente a uma força de comando de fuzileiros navais de elite.

Sobressai-se, ainda, como unidade naval de destaque o *TCG Ufuk* (A-591),

comissionado em 2019 e construído no Estaleiro Naval de Istambul. Os navios “sãos os olhos e os ouvidos” da Turquia no mar (KASAPOGLU, 2020, p. 5), pois sua principal missão é a coleta de inteligência de sinais e eletrônica. Seu projeto é baseado nas corvetas da classe *ADA* e pode operar por 45 dias ininterruptos, em condições de mar e climáticas severas (OSBERK, 2021).

Submarinos Propulsão Elétrica (SSK)

A Força Naval Turca possui ainda uma flotilha de 12 submarinos de propulsão diesel elétrica (SSK) composta por quatro unidades da classe *Atilay* (GER tipo 209/1200), quatro da classe *Preveze* (GER tipo 209/1400) e quatro da classe *Gür* (GER tipo 209/1400) (THE INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES, 2022, p. 156).

Submarinos Classe *Reis* (214 TN)

Um outro projeto notável do Estado turco são os dos submarinos da classe *Reis* (tipo 214TN), a serem construídos no Estaleiro Gölcük, que possuirão propulsão independente do ar (*air-independent propulsion*, AIP) e que também se relacionam com o projeto nacional turco de desenvolvimento de um míssil de cruzeiro lançado do mar *Gezgin*, que poderá dotar essa nova classe de submarinos (KASAPOGLU, 2020, p. 5), bem como os torpedos de produção nacional turca *Akya* e o míssil antinavio, igualmente turco, *Atmaca* (OSBERK, 2022).

O primeiro submarino classe *Reis*, o *TCG Pirireis*, está realizando provas de mar e será incorporado à Força Naval turca até o fim de 2023, enquanto o segundo, o *TCG Hızirreis*, foi lançado em 25 de maio de 2023. A partir de 2023, o planejamento é de que um submarino seja comissionado a cada ano, totalizando-se seis submarinos da classe *Reis* a serem entregues à Força Naval turca até 2028. Esse projeto é decorrência

40 Para uma descrição pormenorizada das capacidades do *Anadolu*, ver Defense Turkey (2023).

de um contrato assinado em julho de 2009, entre a Indústria de Defesa Turca (Savunma Sanayii Başkanlığı, SSB) e a Thyssen Krupp Marine Systems. A nova classe de submarinos *Reis* trará enormes ganhos, não apenas para a Marinha turca, nos níveis estratégicos e táticos, mas também para toda a indústria de defesa da Turquia. A experiência advinda do projeto da classe *Reis* será uma referência para os futuros submarinos turcos a serem construídos no âmbito do projeto Milli Denizaltı (Milden), o “submarino nacional”, que está atualmente em fase de projeto, devendo ter sua construção iniciada na década de 2030 (OSBERK, 2022).

CONCLUSÃO

Isto posto, como podemos verificar, o conceito geopolítico de Pátria Azul (Mavi Vatan), de cunho nacionalista, neo-otomano e de inspirações imperiais, pode ser sintetizado como a visão de mundo e de futuro na qual a Turquia dominará seus três mares em derredor, o Negro, o Mediterrâneo Oriental e o Egeu. Ele tem sido um poderoso instrumento utilizado de maneira hábil pelo governo Erdoğan para compungir, fomentar, instigar e atrair a sociedade turca para o contexto geoestratégico do Mediterrâneo Oriental e do Mar Egeu.

Constatou-se, portanto, que o grau de impacto do conceito de Pátria Azul no incremento da Estratégia Naval turca no

Mediterrâneo Oriental e no Mar Egeu foi alto, ao passo que, em um curto espaço de tempo histórico, desde a sua formulação e sua apresentação, em 2006, este conceito originalmente geopolítico foi transformado em um conceito geoestratégico, a partir de 2020. Isto é percebido, por conta da incorporação da lógica estratégica de rivalidade entre a Turquia e a Grécia e sua extrapolação para a questão do Chipre, notadamente nas questões de soberania e exploração de recursos energéticos, conforme comentado ao longo do texto.

Essa transformação está intimamente ligada aos programas nacionais de modernização, desenvolvimento e fortalecimento autóctone da Força Naval turca, com o objetivo de adquirir os meios necessários para a defesa e a consecução dos interesses nacionais turcos, especialmente no mar, por meio da autonomia estratégica plena, o que, em *ultima ratio*, garante a sobrevivência do Estado nacional turco.

O Presidente Recep Tayyip Erdoğan tem perseguido de forma obstinada a restauração da Turquia a seu papel histórico de grande potência no Oriente Médio, para emergir como uma potência global, valendo-se da posição geográfica privilegiada de seu país, entre a Europa, a África e a Ásia, instrumentalizado e profundamente conectado com o passado, enquanto cria uma poderosa Turquia no presente, e, ao visualizar o futuro estratégico de sua Pátria, enxerga-o cada vez mais Azul.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
 <ARTES MILITARES>; Estratégia; Estratégia Naval;
 <FORÇAS ARMADAS>; Marinha da Turquia;
 <POLÍTICA>; Estratégia; Relações Internacionais;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Devido à extensão da lista de Referências Bibliográficas, os interessados em obtê-la podem entrar em contato pelo *e-mail*: chiozzo@marinha.mil.br.